

DF. cultura

Paixão pela cultura

Amanhã às 19h00 na Sala Villa-Lobos será realizada a cerimônia de entrega do I Prêmio Candango de Cultura, instituído pela Câmara Legislativa do DF. O Prêmio distingue personalidades e instituições culturais em dez categorias. A edição temática desta quarta-feira é dedicada ao Prêmio Candango 98. E abrimos a edição com entrevista de Rogério Costa Rodrigues, homenageado como *Personalidade Cultural*, por ter inoculado a paixão pela cultura em várias gerações de brasilienses.

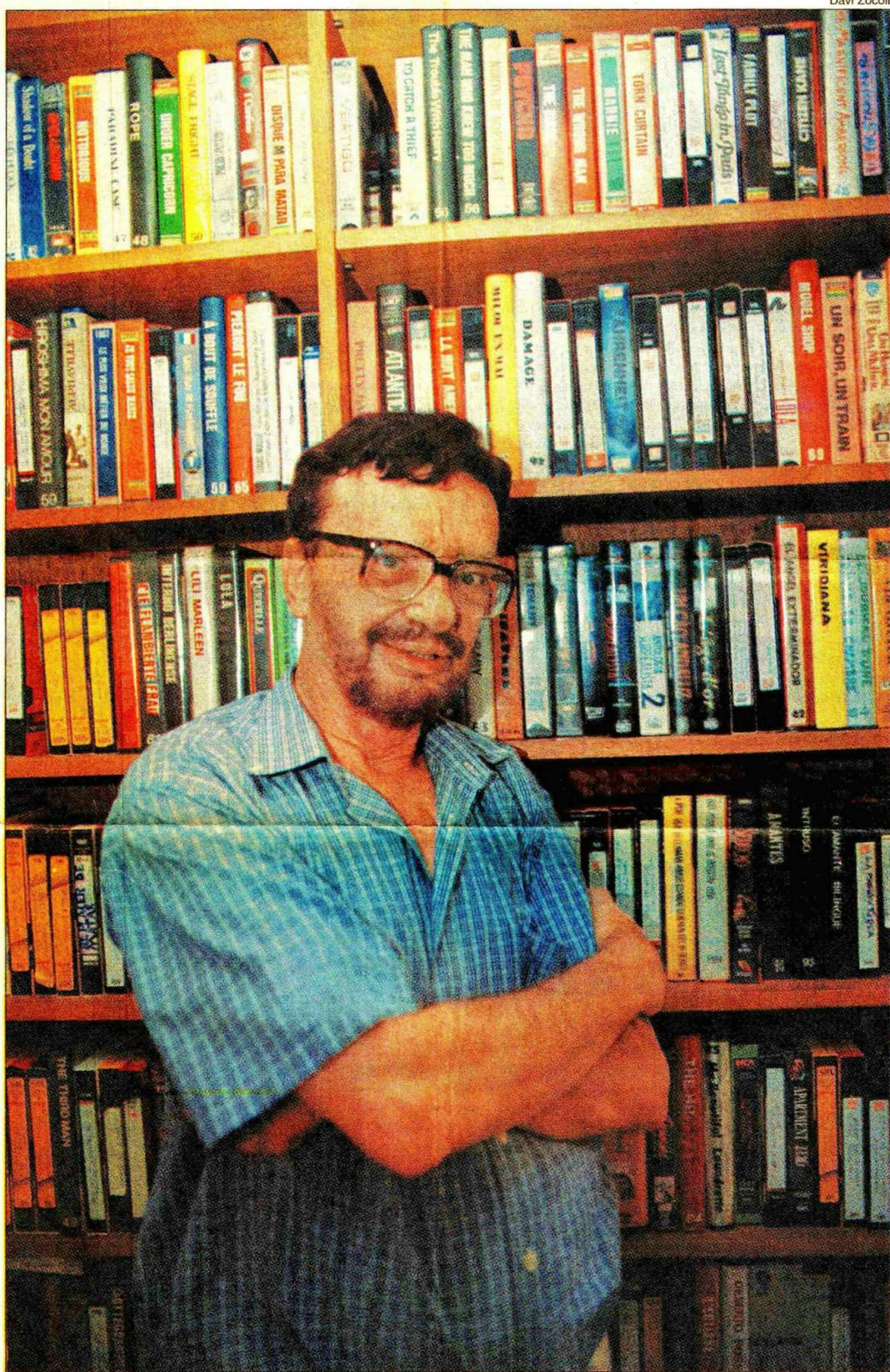
No início da década de 70, do pequeno prédio do Departamento de Desenho da Universidade de Brasília subiam antenas para o mundo. Estudantes se espriam na sala para ouvir o mestre falar sobre o impressionismo, o nascimento do cinema, as possibilidades que o teatro oferece de conexão com o ser humano e seus destinos. Toda a inquietação do século 20 era analisada, tocada, multiplicada. As palavras saíam de forma franca, direta, apaixonada, arrematadora. E os alunos se sentiam contaminados pelo germen da liberdade e da criação. Nem mesmo o clima opressor da Brasília em tempos de ditadura seria capaz de apagar o que o mestre Rogério Costa Rodrigues tinha acabado de plantar.

Todo esta caldeirão de idéias durou menos de uma década, mas marcou para sempre a vida destes estudantes e da própria UnB. Hoje, passados quase 20 anos, o trabalho do mestre volta à cena. Rogério Costa Rodrigues foi escolhido como a Personalidade Cultural pelo Prêmio Candango. Um reconhecimento à atuação fértil de Rogério nas décadas de 60 e 70 na cidade. Um carioca apaixonado por cinema e teatro, que veio para Brasília logo depois de se formar em direito...

- Direito?

- É e eu detestava. Trabalhei uns três meses num escritório de advocacia. Foi o suficiente para eu ver que não tinha nada a ver comigo. Então, eu vim para trabalhar no Senado. Eu achava Brasília um horror. Você sair de Copacabana e cair em Brasília nos anos 60, era uma coisa impressionante. Eu, no Rio, já escrevia crítica de teatro, participava de cineclubismo, ia ao Teatro Municipal todo domingo. De repente, Brasília não tinha nada, nem perspectiva nenhuma. E naquele tempo, eu só não fui embora por uma razão: é que a passagem de avião era muito barata. Então, eu estava sempre indo ao Rio. Na verdade, eu tinha a mesma sensação do que diziam na época das cidades satélites, que eram cidades-dormitório. Pra mim, Brasília era uma espécie de cidade-dormitório. (Risos). Eu tinha verdadeiro horror de Brasília. Mas a minha sorte foi que eu conheci o Geraldo Sobral Rocha e nós tínhamos uma paixão em comum, que era o cinema. Naquele tempo, tinha uma coisa muito boa em Brasília, que eram as sessões que o Paulo Emilio Salles Gomes promovia na Escola Parque. Era uma extensão da UnB para a comunidade. Esse encontro com Paulo Emilio me iluminou e me fez tirar toda a angústia em relação a Brasília. Ele apresentava os grandes clássicos do cinema, principalmente do cinema mudo - eu tenho verdadeira paixão pelo cinema mudo -, e passava uma paixão pelo cinema, parecia que ele convidava as pessoas a se integrarem naquela paixão que ele tinha pelo cinema. Geraldo era aluno dele na UnB. Outras pessoas apaixonadas por cinema também estavam por ali. E nós fundamos, em 1966, um clube que teve uma vida muito importante em Brasília, durou apenas três anos, mas acho que marcou muito; chamava-se Clube de Cinema de Brasília. Ali, nós passamos uma quantidade de filmes impressionante. O cinema de arte praticamente não era exibido aqui, nem se fale do cinema brasileiro. Você sabe que *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, na época do lançamento e durante muitos anos não foi lançado em Brasília? Assim como *Os Fuzis*, *Vidas Secas*... Havia aquela obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais, mas os exibidores preferiam usar esta cota com comédias do Mazaropi, Ankito, mais comerciais. E o filme mais intelectual, mais inteligente, eles não passavam.

- Então, o Clube de Cinema veio ocu-



Rogério Costa Rodrigues: "No início eu achava que Brasília era uma cidade-dormitório, mas eu descobri o Brasil em Brasília"

par este espaço?

- O Paulo Emilio trouxe esses filmes na época em que ele dava as aulas. Depois, houve aquela perseguição ao Paulo Emilio, e ele não tinha mais condições de fazer nada aqui. Quando ele foi embora, a gente sentiu que tinha de continuar aquele trabalho. E principalmente, trazer o filme brasileiro, de bom nível, artístico, que não chegava à cidade. Ai, o Clube de Cinema teve uma resposta fantásticas, principalmente da juventude, que estava muito ligada naquela coisa de bom valor. Não me lembro de ver, em nenhuma outra fase da minha vida, tamanho número de pessoas interessadas no cinema de vanguarda, na obra clássica, principalmente no cinema brasileiro.

- Existia um sentimento nacionalista...

- Eu acho que a repressão fazia a pes-

soa procurar aquilo que pudesse representar uma defesa contra a repressão, um alargamento de idéias. É estranho, mas a repressão às vezes funciona muito bem para a inteligência das pessoas. Eu senti isso depois na Universidade. As pessoas pareciam querer criar um anticorpo contra aquela carga que havia em cima. Havia muita esperança de ver um Brasil completamente diferente do que era e, para isso, era preciso ter idéias. As pessoas liam muito nessa época, coisas muito boas. Hoje, eu tenho a impressão de que as pessoas só lêem best-sellers... Não sei se lêem a obra de vigor, a obra crítica, analítica.

- Bom, mas nessa nossa conversa, você pulou uma parte: de onde surgiu esta paixão pelo cinema?

- Ah, isso é uma história muito antiga. Eu sou o filho mais moço de um

casal que teve três filhos e a minha primeira característica foi a timidez. Era muito tímido, introvertido, tinha dificuldade de me relacionar com as outras crianças, vivia voltado para o passado. Tive uma ligação cultural muito forte com minha avó materna e com minha mãe. As duas tiveram aquela educação voltada para a arte, que era muito comum na época e a minha mãe especialmente era apaixonada por cinema. Ela nos levava para ver os filmes e, principalmente, me falava muito dos filmes que ela tinha visto na juventude dela. Então, era engraçado porque eu, com cinco anos de idade, tinha uma familiaridade absoluta com nomes como Lilian Gish, Mary Pickford, Rodolfo Valentino... Essas pessoas eram extremamente íntimas para mim. Eu não tinha visto os filmes, mas sabia o enredo, toda a carga que eles tinham. A minha mãe tinha

uma visão que, apesar de eu ser muito pequeno, ela passou pra mim. Ela dizia que o som chegou muito cedo ao cinema, exatamente quando o cinema estava se aperfeiçoando, o estilo de fazer filmes estava se refinando. E o que ela gostava era de ver que, com imagens, era possível contar histórias profundamente, sem cair na literatura e no teatro. Ela achava que o cinema tinha muito mais a ver com a pintura e que se não tivesse vindo o som, o cinema teria desenvolvido uma linguagem muito mais plástica e seus desdobramentos seriam outros. Isso é uma coisa muito avançada para os anos 40. Então, eu posso dizer que minha paixão pelo cinema é hereditária, é genética. (risos)

- Mas então por que você optou por direito se já havia esta paixão pelo cinema?

- Meu pai era um homem extremamente rigoroso, acreditava que as pessoas deviam ter um diploma sério e diploma sério, na década de 50, era medicina, engenharia e advocacia basicamente. Como eu odiava matemática e física, sempre fui a pessoa menos científica possível, não poderia fazer nem medicina nem engenharia. Então, sobrava direito. Eu não tinha muita noção do que eu iria fazer com o direito, mas pensava que, depois de ter um diploma de advogado, poderia escrever no jornal, fazer filmes ou fazer teatro, que nesta época era minha paixão.

- Teatro?

- É porque eu tinha conhecido a Cailda Becker, com quem eu conversava muito. Ela e o Paulo Emilio foram as duas pessoas que foram meus deslumbramentos na vida. Eu ia ver as peças da Cailda e, muito timidamente, ia para perto dela. Ela era uma pessoa assombrosa, maravilhosa, percebeu que eu não estava lá apaixonado por ela e sim pelo teatro e que ela era a coisa mais forte que existia pra mim em relação ao próprio teatro. Ela me dizia uma coisa que eu nunca mais vou esquecer: fazendo teatro, você pode se ligar a todo o comportamento humano. Ela falava com tal paixão, emoção, beleza, poesia que eu pensava que era teatro que eu tinha que fazer. Era muito mocinho na época e me deslumbrei com as possibilidades do teatro. Cheguei a entrar num curso de teatro, mas era tímido demais, jamais imaginaria subir num palco. E também estava lendo muito teatro, autores que ainda não estavam sendo montados aqui. Estava apaixonado pelo teatro de Arthur Miller, Tennessee Williams, Dürrenmatt, Ionesco, Beckett. Era toda aquela paixão por uma renovação. Mas naquela época, o homem de teatro tinha uma vida muito incerta e era preciso coragem para largar toda a formação de classe média e ir. Era preciso um rompimento e eu até aquela época nunca tinha sido uma pessoa de rompimentos.

- O rompimento veio com Brasília...

- Por isso eu detestei Brasília, porque não tinha aquele cenário do Rio de Janeiro para teatro, cinema. Eu cai numa realidade em Brasília de um Brasil que eu não conhecia. No meu Brasil tinha muito pouco nordeste, não tinha interior, Goiás, Mato Grosso. E eu só constatei isso quando vim pra Brasília. Percebi que não conhecia nada de Brasil, que a leitura de Graciliano Ramos, que tinha me impressionado tanto com *Vidas Secas*, ou José Lins do Rego, tinha feito muito pouco pela minha cabeça. Meu mundo era colonizado. Quando criança, era colonizado pelo que havia de mais comercial do cinema e da música americana; quando adulto, colonizado pelas vanguardas, pelo refinamento europeu. Eu não tinha como base, como ponto de partida para a reflexão, a realidade brasileira.

CARMEM MORETZOHN

Colaboradora

■ Continua na página 2

Continuação da matéria de capa

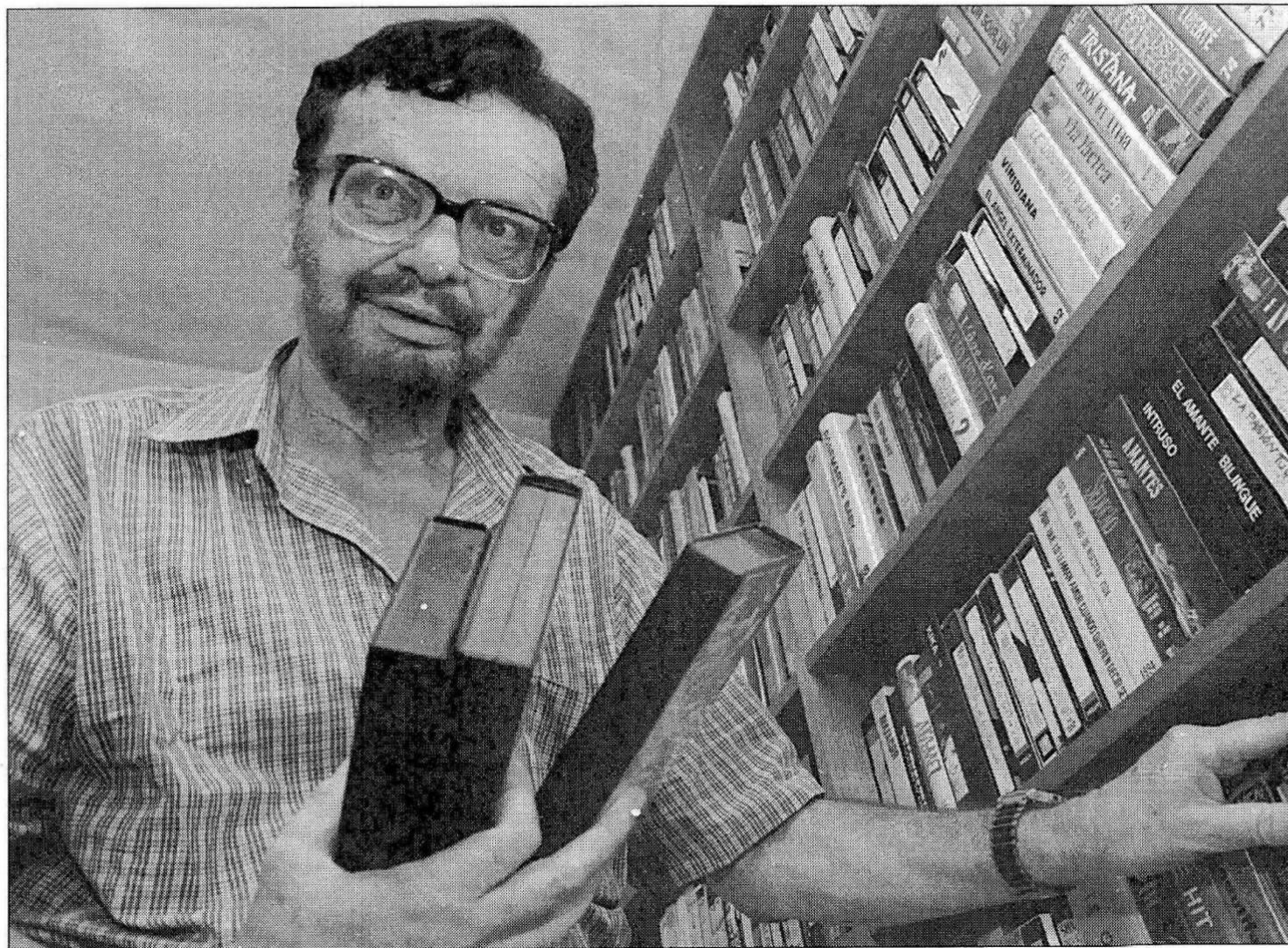
Paixão pela cultura

- E quando é que você percebeu isso? Com Paulo Emílio?

- Paulo Emílio foi o primeiro passo, mas principalmente com Geraldo Sobral Rocha, que é piauiense. O Geraldo trazia a paixão que eu tenho pelo cinema, mas dentro de uma visão crítica, social e, principalmente, política, que me abriu infinitas perspectivas. Eu pensava que tinha um pensamento político, mas não tinha. E também os filmes do Cinema Novo. Ninguém, nada me deu o quadro social e político que os filmes do Cinema Novo me deram. Um filme como *Os Fuzis* me falou de Brasil de uma forma que mexeu violentamente comigo. Eu me senti totalmente integrado com aquele personagem de *O Desafio*. Eu tinha acabado de descobrir o Brasil. Troquei Peggy Lee por Nara Leão, a MGM pelo show *Opinião* e a paixão louca de descobrir tudo o que eu tinha de descobrir e não tinha percebido porque estava voltado para fora do Brasil.

- Bom, e como é que você passou para a equipe da UnB?

- É porque tinha o Clube de Cinema e a gente fazia seminários, palestras, encontros. Todo dia, antes da sessão do filme, o Geraldo Sobral subia e falava. Um dia, fomos exhibir *As Noites de Cabiria*, e o Geraldo me forçou a subir. Quando eu comecei a falar, senti uma emoção muito grande. A partir daí, fazia apresentações sempre, passei a dar aulas em colégios, escrevia em jornais, entrei numa atividade intensa. Nesta época, a Universidade estava criando o curso de cinema e o Geraldo já estava dando aulas lá. Através dele, fui contratado a dar História do Cinema. Mas na semana em que eu assinei o contrato com a UnB, o Azevedo acabou com o curso de cinema. E lá estava eu contratado. Mas a vida tem sempre uns processos que a gente não espera. Este curso ia ser do então Departamento de Desenho do Instituto de Artes e havia uma disciplina lá muito interessante, chamava-se ELEHA - Elementos de Linguagem, Estética e História da Arte. Era uma matéria complexa que tinha que dar todos os rumos da história da arte, em tudo, desenho, arquitetura, cinema. Foi idealizada para ser dada por vários professores, mas estava sendo dada por uma moça, a Viviane Ventura, que tinha formação de arquiteta. Me chamaram para ajudá-la. Mas havia um problema nisso aí. Eu tinha aprendido tudo aquilo por paixão, não aprendi na escola. Trazia uma mala de emoções e alguma leitura, mas não sou uma pessoa que tenha estudado estética. Então, eu fui assistir às aulas e vi que os alunos pareciam voar. Comecei a conversar com eles, perguntei quais eram suas dificuldades. Logo depois, a Viviane foi



Rogério Costa Rodrigues tem uma videoteca com os maiores clássicos do cinema

fazer doutorado nos Estados Unidos e eu fiquei sozinho. Percebi que a única coisa que poderia fazer pelos alunos era um convite à reflexão. Abrir um espaço, dentro da universidade, para que cada um traga sua paixão, seu interesse e faça seu trabalho desenvolvendo uma linguagem, uma estética a partir do que o impressiona. O importante era transformar isto em linguagem. Então, os alunos se reuniam de acordo com seus interesses, faziam espetáculos teatrais, happenings, performances. Foi a maior lição de vida que tive. Tinha aquela coisa de juntos criarmos. Buscar os instrumentos da arte. É fundamental isso. Os instrumentos da arte não são privilégio do Picasso, Eisenstein, do Orson Wells. Os instrumentos das artes estão aí para todos usarmos, para criarmos juntos.

- Foram quantos anos dando aula?

- Foram nove anos. Muitos alunos. Por semestre, eu tinha uns 150, fora os cursos de verão, que eram abarrotados. Minha vida era aquilo. De repente, eu me senti uma pessoa rica. Entrei num estado de pai-

xão permanente por tudo o que se podia fazer. Sempre mostrando que havia algo além da ditadura. Ocorre que, em 1979, a polícia invadiu o campus e o reitor deixava os policiais entrarem nas salas de aula. Eu me recusei a dar aula com a presença da polícia. Isso foi publicado na revista *IstoÉ*. Moral da história: eu era professor visitante, não era do quadro; depois deste fato, fui dispensado.

- Quando você se isolou...

- Eu ainda dava muitas palestras, dava cursos no Colégio Objetivo sobre análise de filme, mas pensei: "Eu não tenho mais nada para fazer pelas pessoas, porque não tenho uma estrutura intelectual. Minha mola propulsora é a emoção. Eu estou errado, porque valorizei demais esta mola a ponto de dispensar a erudição". Então, veio uma postura crítica terrível, que no fundo foi muito bom. Fiz a minha grande autocrítica e neste processo eu me tornei uma gaveta da qual se tirou todos os papéis e ficou vazia. Pensei que não tinha mais lastro. Fiquei me questionando: "será que agi

certo? Porque eu trabalhei demais a emoção das pessoas, construí esperanças demais? Será que o Brasil que essa gente vai trabalhar tem lugar para toda esta paixão, esta emoção?" E quis parar com tudo. Voltar ao que eu era, aquela pessoa instropectiva, tímida. Senti necessidade de recuperar a infância e desenvolver uma postura crítica ao Rogério da badalação. O Rogério tinha de ser como era: um menino de classe média, de beira de praia, totalmente colonizado, um apaixonado pelos musicais da Metro, que teve muito mais de Hollywood em seu período de formação do que de Brasil. Era preciso não desprezar este menino, conjugar os dois caminhos, me aceitar, gostar de mim. Foi aí que me isolei. Nestes últimos anos, nunca mais aceitei fazer palestras. Outro dia, uns dois meses atrás, tive um sonho que parecia uma coisa de Bergman. Sonhei que estava parado numa rua e, de repente, tinha uma pessoa com uma mortalha. Quando a pessoa chegava perto de mim, esta pessoa era eu e ela me dirigia, dizendo que estava na hora de

pegar aquele ônibus. E eu respondia: "Não é isso que eu tenho de fazer. Eu ainda não fiz nada. Não está na hora de tomar aquele ônibus. Eu tenho que fazer uma coisa ainda". E a pessoa me dava um saco para eu segurar e eu não sabia o que tinha dentro. Acordei assim. Por isso, fiquei tão impressionado com este prêmio. Como é que eu poderia ser personalidade da cultura se estou isolado há tanto tempo? (risos)

- Mas todo o trabalho que você desenvolveu marcou a vida das pessoas que passaram pela Universidade, pessoas que hoje estão fazendo a arte e a cultura da cidade...

- Pois é, mais uma jamais imaginava que um dia iria ganhar um troféu. Fiquei muito emocionado. E aí bateu o tal do sonho. A pessoa me entregou uma coisa que eu não sabia o que era. Havia uma coisa que eu nunca soube avaliar e que alguém soube. Estou tomado por fortíssima emoção. Eu achava que não tinha mais nada a oferecer para as pessoas... (CARMEM MORETZSOHN)

FINALISTAS E PREMIADOS EM CADA CATEGORIA

- **TEATRO** - Premiados: Irmãos Guimarães, com o espetáculo *Felizes para Sempre*. Demais finalistas: Zé Regino, pela direção do *Grupo Celeiro das Antas*, e Humberto Pedrancini, pela direção da *Companhia de Teatro O Hierofante*.
- **DANÇA** - Premiada: Lenora Lobo, com o espetáculo *Olhar de Míope*. Demais finalistas: Giovane Aguiar, por *Projeto Zona*, e Gisele Rodrigues, por *Profundo Dia Azul*.
- **ARTES VISUAIS** - Premiada: Ana Miguel, com a exposição *A Posteriori*. Demais finalistas: Elder Rocha Filho, por *Solve e Coagula*, e Virgínia Portugal, pela exposição no *Projeto Prima Obra*.
- **LITERATURA** - Premiada: Luís Turiba, com a publicação *Cadê*. Demais finalistas: Cassiano Nunes, por *Novos Ensaaios sobre Monteiro Lobato*, e Paulo José Cunha, por *Vermelho, um pessoal garantido*.
- **CINEMA** - Premiada: Sérgio Moriconi, com o curta-metragem em 35mm *Athos*. Demais finalistas: Erika Bauer, por *Bom Dia Senhora*, e Mauro Giuntini, por *Por Longos Dias*.
- **VÍDEO** - Premiada: Armando Lacerda, com *O Futuro e Eu*. Demais finalistas: Zé Nobre, por *Catedral Vila Boa de Goiás*, e Ronaldo Duque, por *Siron - Olhar Inquieto*.
- **MÚSICA** - Premiada: grupo *Dois de Ouro*. Demais finalistas: *Orquestra de Senhoritas* e *Madrigal de Brasília*.
- **PERSONALIDADE CULTURAL** - Premiada: Rogério Costa Rodrigues.
- **PROMOTOR CULTURAL** - Premiada: José Damata.
- **INCENTIVADOR CULTURAL** - Premiados: Fundação Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal (Centro Cultural Caixa Econômica Federal).